

VINÍCIUS FERREIRA

**NÃO EXISTE
ACASO NO
INFERNO**

Não existe acaso no inferno

Copyright © 2026 FARIA E SILVA.

Faria e Silva é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda).

Copyright © 2026 Vinícius Ferreira

Impresso no Brasil – 1ª edição, 2026

Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

F383n

FERREIRA, Vinícius. Não existe acaso no inferno / Vinícius Ferreira.

1ª Edição – São Paulo: Faria e Silva Editora, 2026. 168p. 14,2 x 21cm

ISBN: 978-65-6025-297-4

1. Literatura brasileira – romance policial. 2. Ficção policial – Brasil. 3. Romance psicológico. 4. Crime – Investigação – Ficção. 5. Cataguases (MG) – Ficção. I. Título.

CDD: 869.3

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são da responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor editorial: Anderson Vieira

Editor da obra: Rodrigo de Faria e Silva

Vendas governamentais: Cristiane Mutus

Produtor editorial e capa: FS - Estúdio



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: covicidoria@altabooks.com.br

Editora afiliada à:



ASSOCIADO



VINÍCIUS FERREIRA

NÃO EXISTE
ACASO NO
INFERNO



AMOSTRA

Para Denise, sempre.

AMOSTRA

*cada homem é sofisma
bem engendrado*
José Craveirinha

AMOSTRA

Seria um dia de folga...

Nem no inferno deve existir acaso. Seria meu dia de folga e eu planejava visitar o meu pai no asilo. Antes das seis da manhã, tocou o telefone:

– O Cenoura está indo aí na sua casa, Franco.

Com menos tempo na polícia, talvez eu estranhasse. Sem sacar do coldre nenhuma das suas frases conhecidas, a voz do delegado Medeiros parecia recém-saída de um brejo. Uma garrafa de naufrago, cheia de explosivos dentro, devia estar encalhada na mesa dele. É a óbvia conclusão a que chega o investigador da Homicídios, descobrindo a má vontade dos cadáveres com atestados. Não admitem abonos para o meio da noite, fins de semana, feriados, férias, folgas, licenças e sabe-se lá mais o quê. Menos ainda para quem passara a noite emborcado no sofá da sala, sem conseguir despregar os olhos de uma tosca paisagem ribeirinha, emoldurada num quadro empoeirado. Um quadro que o meu pai não teve tempo de arranjar na parede, depois de bater um prego onde havia marca anterior.

Manter a moldura torta foi o jeito que encontrei para lembrar que foi minha a decisão de despejá-lo num asilo.

Até mesmo um buraco traiçoeiro pode guardar algum esconderijo.

Devia minha transferência da Narcóticos à indicação do Medeiros, logo quando ele veio para Cataguases. Poderia recusar a convocação, sei que ele entenderia. Fazia já um tempo desde a minha última visita ao meu pai. Mas, o caso não seria pesar a lealdade ao delegado ou avaliar meu apego à obrigação profissional. A verdade é que eu andava evitando encarar aqueles dois globos pretos, embaçados feito bolas de gude usadas, com que o meu pai passou a preencher o lugar dos olhos. Olhos de um estúpido completo, devolvendo imagens sem nada por dentro.

Também desejava passar pelo *Dinastia*, mais tarde. Estava com vontade de ver a Carla. Levaria um par de meias para o meu pai no asilo e compraria uma garrafa de *Concha y Toro* para dividir com ela, mesmo sabendo que a encontraria acompanhada de algum cliente.

Nem se um único tiro pudesse acertar o alvo duas vezes, o inferno seria lugar para o acaso.

– Já estou aqui fora, Bartô.

Se a voz do Medeiros pareceu recém-saída de um brejo, pelo interfone, a do Cenoura tinha a aflição de quem acabasse de cair num roçado de urtigas.

Mal tive tempo para amarrar os cadarços e morder a maçã que encontrei na geladeira. Menos ainda para entrar direito no carro:

– Acharam umas crianças num galpão, numa tal de Alameda Barão Veiga, lá no Milton Friedman.

– Crianças?

– É. Mortas.

Como assim? Criança? Não. Crianças? Plural. Mortas? Mortas. Trote. Só podia ser. Cataguases não é cidade grande. Algum desocupado, vadio aleatório, um bobo qualquer, querendo tirar sarro da polícia. Tirar sarro da polícia? Que merda!

Meus percursos condicionados tinham deixado de funcionar e fiquei numa espécie de bifurcação anestesiada.

– Faz tempo que não visito o meu pai, Cenoura.

Meu parceiro inclinou o tronco sobre mim, puxou a maçaneta e o cinto de segurança.

– O pessoal da perícia já foi pra lá.

Ad immortalitatem

Os dias de inverno foram ligeiros e logo pediram a saideira. Sem muita cerimônia, os mormaços sem ventos precipitavam um desmedido patrocínio de novas rodadas de calor intenso. Não fossem as árvores, espalhadas por quase todas as ruas, Cataguases teria apenas duas estações no ano: primaveras sem alma e verões insalubres. Para chegarmos ao Residencial Milton Friedman, onde ficava a Alameda Barão Veiga, seria preciso contornar pelo centro, passando rente às trambolhadas estruturas que a prefeitura montava para as comemorações do aniversário da cidade.

– Que saco essa porra de festa, Bartô! Até parece que essa merda de cidade tem o que comemorar.

No meu tempo na Narcóticos, o Cenoura fazia os grampos e as escutas da Inteligência. Numa dessas, acabou fisgando um delegado de trânsito – peixe graúdo, acostumado a nadar a favor da correnteza, evitando todo tipo de anzol incerto – que extorquia bicheiros e donos de caça-níquel. Ao invés de uma investigação, a Regional tratou de providenciar sua transferência para a Homicídios, mesmo

sabendo do horror dele a cadáver. Ao virarmos parceiros, o pessoal do plantão arranjou esse apelido para ele. E nem foi por causa da cabeleira ruiva, das sobrancelhas alaranjadas e muito menos por ele ser um magricelo comprido. Uma pessoa com o nome de Reydinério Berzuzewski na certidão de nascimento acaba preferindo ter um apelido qualquer.

O Medeiros vivia falando que um sujeito também não podia se chamar Bartolomeu sem ficar traumatizado. No meu caso, pelo menos, acho que ele tinha razão.

As ruas começavam a deixar nascer uma espessa massa poeirenta, brotando do calçamento irregular, sobre o qual as buzinas impacientes logo iriam disputar cada palmo de espaço. Não sei se seria melhor a impaciência, vencendo também nas calçadas, onde levas em desencontro iriam cruzar as portas das lojas e dos bancos, tentando desvios das chapas de ferro, taipas, canos e tudo mais que se transformaria em palco, arquibancadas e tendas para uma semana inteira de festa.

Eu vinha de uma noite em claro e o meu dia de folga não durara sequer para um café na padaria. Sem mais nada dentro, a não ser uma fatia de maçã, meu estômago reclamava.

Durante os sacolejos do trajeto, o silêncio do Cenoura foi dizendo coisas que eu só podia adivinhar que não gostaria de saber. O expediente não me era estranho. Parecia muito com a maneira escolhida pela minha irmã para ter deixado de

considerar a existência do nosso pai num asilo. Um homem encurvado, a cada dia menor e dependente, como jamais fora. Quando ela foi morar do outro lado do mundo, com o marido, optara por uma espécie de silêncio cúmplice, que concordava em esfregar na minha cara o quanto pesava a síntese: “Sua decisão, sua responsabilidade”. Era como se ela falasse para eu embalar, conduzir e só avisar se desse certo.

O Residencial ficava na parte mais recente da cidade. A derrubada dos antigos morros para a abertura de novos condomínios residenciais dava a impressão de os endinheirados quererem, cada vez mais, viver aninhados uns nos outros, selecionando os supostos penetras com a exigência de garantias bancárias. Conhecia aquela região apenas dos anúncios de imobiliárias. Não era o tipo de área que a polícia costumava frequentar.

Nunca gostei de ar-condicionado. Menos ainda do perfume do Cenoura. Agridoce, recendendo a madeira envelhecida, impregnado dos restos do maço e meio que ele fumava todos os dias.

Mas, era no silêncio do meu parceiro que eu estava concentrado. Um silêncio contendo um tanto de hesitação incomum a um policial. E isso me incomodava bem mais do que a qualidade do ar no interior do carro

Logo na entrada, um portal enorme, uma guarita alta, oculta por vidro escuro, e um portão imenso, de cerradas chapas grossas de ferro, garantiam a exclusividade do acesso.

O Cenoura esfregou a carteira funcional num visor e logo surgiu um sujeito uniformizado, com um crachá bem maior que o bolso da camisa.

As grossas chapas foram se abrindo em par, sem produzir qualquer ruído. Lá dentro, as partes desbastadas dos morros tinham dado lugar a um loteamento em três níveis.

A divisão funcionava como se fossem hierarquias, com os tamanhos dos terrenos separando os ricos, já nem tão ricos assim, – embora com sobrenomes capazes de ainda emprestar algum verniz ao empreendimento, – os endinheirados recentes e os desde sempre muito atentos às direções do dinheiro. Pelo menos, era essa a visão impressa nos folhetos que recolhemos numa tenda montada perto do portal da entrada.

A Alameda Barão Veiga ficava no terceiro nível, o mais alto e ainda inacabado, onde algumas casas podiam ser maiores até mesmo do que os clubes da cidade.

Quando o Cenoura estacionou, junto de uma calçada de terra, ele tinha uma lâmina fria enterrada bem no meio do azul dos olhos.

– Bartô, porra, Bartolomeu, o Medeiros, é foda, foda isso, escolher nós dois para essa... para esse... porra, Bartô, e ainda na sua folga, que sacanagem é essa, Franco, crianças? São crianças, caralho! Quem é o doente? Quem é capaz de fazer uma barbaridade assim?

Não lembrava mais da última vez em que ouvira meu nome completo, mesmo dito assim aos pedaços, e menos ainda da ocasião em que chegasse a uma cena de crime sem haver um bando de curiosos lotando o meio da rua para encher a gente de perguntas. O silêncio se espraiava nas amendoeiras desfolhadas, nos galhos de oitis retorcidos e nos desolados amores-agarradinhos, para crescer ainda mais no correr simétrico dos muros baixos. Quem passasse por ali não imaginaria uma razão sequer para a solitária viatura da perícia gozar da única sombra deixada pelos restos de morro ainda cobertos pelo mato bravo.

Foi preciso abrir passagem num emaranhado de arame farpado, desviar dos moirões caídos e amassar um tanto de mato denso para alcançar o galpão no fundo do terreno, onde os peritos estavam trabalhando.

Visto de fora, seria bastante difícil imaginar a existência de um galpão de alvenaria e madeira, coberto na parte da frente por telhas de amianto, erguido bem no meio daquela paisagem quase exclusiva. O contraste obsceno com o acabamento refinado das construções ao redor era nítido demais para evitar a pergunta: como aquelas paredes foram levantadas sem que a PM, o Ministério Público ou a prefeitura fossem acionados para impedir?

– Bartô, por acaso você sabe quem foi esse tal de Barão Veiga? O Cenoura falou enquanto seguia por uma picada aberta no mato.

– Deve ter sido um desses antigos babacas donos de escravos ou comerciante de café. Ou, na pior das hipóteses, as duas coisas juntas.

Na verdade, nunca tive nenhum interesse por essas figuras do passado. Além de deixarem malditas heranças, banhadas em sangue e disputadas a bala, se recusavam a morrer, impondo a empáfia dos seus sobrenomes aos lugares todos. Para gente deste tipo, a polícia só servia mesmo para dormirem bem à noite. A pergunta do meu parceiro, porém, me fez reparar que a Barão Veiga era a única rua do residencial sem um nome estrangeiro.

O Cenoura acendeu um cigarro e ficou revirando o mato crescido em volta da picada. Segui adiante e empurrei uma portinhola carunchada, que rangeu ao abrir caminho para um compartimento caiado, cujo piso de cimento grosso ligava a uma escada. Subi os degraus acanhados e avistei uma outra porta, de madeira trabalhada em plaina, dando num outro cômodo. Ali, os caibros do forro foram trocados não fazia muito tempo.

O Cenoura veio logo atrás, passando a luz da lanterna pelas paredes. Assim como os caibros do forro, o reboco do corredor também parecia recente. Um reboco arenoso, talvez feito com pressa ou por mãos muito pouco habilidosas. No

fundo do corredor, um portal largo dava numa espécie de sala maior, separada, como se fosse uma outra construção, onde estavam o Dobradura, o perito da polícia, e o Frentinha, o auxiliar dele.

Meu queixo ficou como se fosse uma rapadura congelada e demorei um pouco para aceitar que o Dobradura examinava um pé de criança.

A cabeça começava a dar voltas. Fiquei sem saber se me aproximava. Talvez fossem ainda os efeitos do sono interrompido, a doença do meu pai, a voz arrastada do Medeiros, a aflição seguida de silêncio e explosão indignada do meu parceiro, as palavras do médico no asilo. Tentei achar um eixo. Pode a memória ir se esvaziando? Não existe cura ou...um labirinto transbordando, a cabeça mareava mais do que as águas do rio Pomba em época de enchente.

Reparando meu estado, o perito ajeitou os óculos e fez sinal para eu entrar. Com a atenção dividida, ele tinha um gravador, um caderno de notas e entre mim e o pé, tentava alcançar o que o seu auxiliar andava fazendo.

O Frentinha quase dera com a ponta do nariz numa das cabeceiras de ferro ao examiná-la. Em volta dele, havia cinco camas. Em três delas, uma criança deitada, de mãos postas, vestindo um uniforme, que parecia ser de escola.

– E aí, Bartô? Viu o jogo ontem? Falou o Dobradura.

Na academia da polícia, a gente recebe treinamento, condicionando nosso trabalho a procurar entre as fraquezas